@click_rua

DIRETORIA

Emerson Gaco
Diego Spin

DIREÇÃO COMERCIAL

Emerson Gaco
Diego Spin

CURADORIA

Diego Spin
Emerson Gaco
Nataly Beth
Pretoman
Marcio Reis (Banguone)

EDIÇÃO

Pretoman
Emerson Gaco

REPORTAGENS

Lu BSB.Girls
Pimentao one

NESTA EDIÇÃO:

REPORTAGEM COM:

B.boy Dú

AGRADECIMENTO :

Agradecemos ao B.Boy Dú por ceder um pouco do seu tempo e nos contar sua tragetoria dentro da cultura Hip Hop e mostrar que podemos fazer cada vez mais e melhor basta te vontade e um pouco de esfoço.

A revista CLICK RUA está autorizado a fazer alterações nos textos e nas imagens recebidas. Toda ação feita pela revista passa pela comissão técnica.

B.boy Dú

Carlos Eduardo da Silva
B.boy Dú
True School Crew (TSC)
Franca SP
B.boy, MC
Produtor Cultural,
Educador Social (PETI)
Presidente do Comdecon
(Conselho Municipal de
Participação e
Desenvolvimento da
Comunidade Negra de
Franca) Pesquisador da
Cultura Hip Hop.

1- Porque o Breaking, e vc se considera um dançarino de breaking ou também alguem inserido dentro da cultura?

Me considero um dançarino pois desde o início, tive um suporte dos mais velhos, em relação a dança breaking passei por bons momentos da Cultura Hip Hop no país dos anos 90 até os dias de hoje.
E de além estar inserido no Breaking é importante valorizar os saberes dos mais velhos seja aqui no Brasil ou nos EUA, local onde surgiu a dança e segui-la mantendo sua origem.

2- Como te encontrou e o que o elemento MC agregou na sua trajetória?

Na verdade não me encontrou meu início por incrível que pareça foi escrevendo um Samba Rock que na sequência se tornou um Rap , em 1992 eu juntamente com um amigo considerado primo Alex Kabeça tirando onda e rascunhando fizemos um Samba Rock improvisado e daí falei para ele que na verdade deveria era fazer um Rap pegue a letra e transforma em Rap e em 1993 ou 1994 ele criou o grupo de Rap ´´Ato de ideias `` e depois passou a se chamar ´´1.5.0 á Resistência``.
Um grupo de muito talento da zona sul de Franca. Mas Mc da Cultura Hip Hop fui desenvolver em meados de 2004 em diante na necessidade que tínhamos de Mcs com conhecimento de passar as informações adequadas da Cultura Hip Hop e lógico a cada momento era um aprendizado que eu via a necessidade de compartilhar com todos.

3- O que a cultura Hip Hop representa na sua trajetória e no seu cotidiano?

Sempre morei em Periferia e sempre levei a cultura Hip Hop comigo, no início era aquela parada de disputa do ser o melhor, com o tempo a própria cultura mostrou caminhos e o ser melhor não era o bom plano. O plano era usar a cultura para que fossemos melhores juntos e assim conseguiriamos ser mais e mais forte, então essa é a representação que aprendi e acredito a Cultura Hip Hop vai além de bairro quebrada ela pode estar em vários lugares inclusive nos espaços educacionais.

4- O que te levou a se tornar um produtor cultural e educador social da cultura Hip Hop?

Produtor foi por se sentir insatisfeito com a cultura que rolava na cidade e até dentro da cultura Hip Hop quando tinha não rolava os 4 elementos. Daí entendi que se não está bom não cobre as pessoas, se organize e faça, daí adiante realizamos no início dos anos 2000 a primeira batalha de Breaking junto a uma instituição privada na cidade (SESI). Daí pra frente não parou mais são 20 anos de mão na massa.

5- Como uma crew faz para se manter dentro da cultura Hip Hop, seguindo uma ideológia e pensamento coletivo, por tanto tempo?

Para nós da True School Crew definimos crew como família. Uma família é cheia de problemas mas sempre está unida. Para nós se mantermos devemos estar além da dança, além do Graffiti writer, além da Deejay e Além de Mc. Citei os nomes dos elementos pois é interessante pontuar que somos uma Crew de Hip Hop. E entendemos que Cultura Hip Hop é junto mas não somente em elementos e sim na sobrevivência do outro o auto companheirismo o ser humano que todos membros são, por isso hoje a True School se mantém a 23 anos sem descanso seguindo a essência da Cultura Hip Hop.

Arte Educador e Educador Social, foi a necessidade de multiplicar trazer novamente os jovens para a Cultura explicar que é para todos seja pra criança na barriga da mãe até a senhora da Boa idade, vendo essa nescessidade pude pensar em um sistema de multiplicação dentro da escolas, praças, Centro comunitários todos focado na periferia.